

radiografia da economia



Será que a concentração pode salvar um sector em crise?

O sector agrícola português visto por um optimista é “multifacetado”. Analisado por um negativista, será “esquizofrénico”. Por um lado está cada vez mais velho. Mas, por outro, nunca esteve tão profissionalizado. A concentração já arrancou, mas devagar. Chegará a tempo?

Filipe Paiva Cardoso filipecardoso@mediafin.pt

O actual cenário da crise alimentar e do petróleo, ao qual se juntam as queixas de todo o sector agrícola sobre a falta de apoios do Estado, faz com que uma das previsões mais recorrentes das associações que compõem o tecido agrícola seja a extinção do sector em Portugal. Olhando para a evolução do sector nos últimos anos, nota-se sinais contraditórios. O número de explorações tem caído ao ritmo de 3% ao ano. Segundo os números do Instituto Nacional de Estatística (INE) são agora 323,9 mil, contra as 600 mil em 1989. A baixa rentabilidade do sector, a crescente urbanização do território ou o êxodo rural são as razões apontadas pelo INE para justificar a quebra. Porém, esta diminuição também é explicada pelo aumento da dimensão de algumas explorações, movimentação que aponta para uma tendência fundiária que tem aumentado a produtividade agrícola – além da mecanização do sector. Ainda assim, em termos de

superfície agrícola utilizada entre 1989 e 2005 houve uma redução de 8% – 4 milhões de hectares para 3,6 milhões – e apesar do crescimento em área das explorações, os produtores singulares ainda correspondem a 98% do total, tendo sob responsabilidade três quartos da superfície. As sociedades, com 1,7% das explorações, são responsáveis por 19,4% dessa mesma superfície. Outro factor preocupante prende-se com a idade dos agricultores. Aqueles com menos de 35 anos são apenas 2,2% do total, contra os 7% que representavam em 1990. Já os produtores com mais de 65 anos passaram de 29% para 47% do total. E, talvez por isto, o nível de instrução mantém-se baixo. Em 2005 existia 30% de agricultores sem qualquer grau de instrução – 14% dos quais sem saber ler/escrever – um valor ainda assim 20 pontos abaixo dos registos de 1989. Ao nível de rendimentos, apenas uma pequena parte dos agricultores



Em 1989 existiam 39,6 mil agricultores com menos de 35 anos. Agora são 6,8 mil. Os produtores com mais de 65 anos chegam hoje a 47,3%, contra 28% há dez anos.

(7,3%) obtém a totalidade do rendimento “do que a terra dá”, tendo sido registada uma quebra de 44% no total de trabalhadores permanentes na agricultura – de 76 mil passaram para 42,7 mil.

Profissionalização procura-se

Apesar de vários sinais negativos, é também notória a tendência profissionalizante, que, devagar, vai surgindo. A especialização na agricultura portuguesa é cada vez maior, graças aos sectores da viticultura, olivicultura, bovinos para gado e carne e ovinos e caprinos. Actualmente já 50% das explorações aposta na especialização, algo que eleva a dimensão económica – margem bruta da exploração – das mesmas. Esta profissionalização, aliás, tem ajudado a produzir mais com menos. Por exemplo, em 2000 um hectare produzia 2.780 quilos de cereais, enquanto em 2006 já produziu 3.125 quilos. Tendência semelhante ao que ocorreu com a beterraba sacarina, tabaco, tomate, maçã, pêra ou tangerina. No lado oposto estão a batata, feijão ou o azeite. E quanto aos preços no produtor? Fala o INE. Nos cereais houve “decréscimo contínuo e regular”, nos frutos um “grande aumento”, nos hortícolas uma “significativa subida”, no vinho a “tendência é para um aumento” e no azeite houve “uma significativa diminuição” só ultrapassada pela evolução de preços nos produtores de carne.

A maior empresa é do Estado



A Companhia das Lezírias é a maior exploração agro-pecuária e florestal em Portugal. Nasceu a 16 de Março de 1836, depois de D. Maria II ter autorizado a venda das propriedades “de que se compõem as ‘Lezírias’ do Tejo e Sado” como forma de – Dejá vu – reduzir o défice de um país à beira do colapso, fruto das invasões francesas e da guerra civil (1828/34) entre liberais e absolutistas. Com cerca de 6.000 hectares dedicados à produção, entre a Lezíria Norte e a Sul – a maioria dos quais explorados indirectamente por rendeiros, – foi nacionalizada em 1975, tendo passado para Sociedade Anónima de capitais maioritariamente públicos no final da década de 80. Dedicase a um pouco de tudo. Olival, cortiça, caça turística, vinha, carne de bovino, milho, pecuária ou agro-turismo são tudo sectores de negócio para as Lezírias. Está localizada entre os rios Tejo e Sorraia, tendo a Recta do Cabo – EN10 entre Vila Franca e Porto Alto – como fronteira entre a parte Norte e a Sul. Investe anualmente pouco mais de dois milhões de euros na produção, especialmente em pecuária, empregando perto de 200 pessoas.